



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 11, Vol. 2 (2017)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,

Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

IMAGEM, MODOS DE VISIBILIDADES E ACELERAÇÃO DO TEMPO: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Rita Márcia Magalhães Furtado¹

Resumo

A visibilidade, com a expansão vertiginosa da mídia, assume proporções antes impensadas e suscita uma atenção especial no que se refere aos modos de olhar uma imagem, bem como as implicações disso na constituição da subjetividade e no processo educativo. Na proposição de nossa análise, pensamos que os modos contemporâneos de visibilidade da imagem, remetem a uma análise das categorias da percepção e da atenção. Diante disso, nosso problema, pauta-se no seguinte questionamento: há implicações significativas, considerando-se a percepção e a atenção no contexto de aceleração e fluxos sensoriais contínuos, na relação do sujeito com as imagens, para a educação contemporânea? Verifica-se assim, a necessidade de se repensar a educação

¹ Graduada em Pedagogia (UCG, 1987), Mestre em Educação (UFG, 2000), Doutora em Educação (Unicamp, 2007). Realizou estágio pós-doutoral em Sociologia da Arte na Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle (2014). Professora Associada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, atuando nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Educação, (linha de pesquisa Cultura e Processos Educacionais). rmmfurtado@uol.com.br

sob bases epistemológicas pautadas na perspectiva imagética, ampliando essa noção para a análise necessária da visibilidade e da subjetividade.

Palavras-chave: Educação; imagem; visibilidade; aceleração; subjetividade

Abstract

The visibility, with the vertiginous expansion of the media, assumes unprecedented proportions and raises a special attention in the ways of looking at an image, as well as the implications of this in the constitution of subjectivity and in the educational process. In the proposition of our analysis, we think that contemporary modes of image visibility refer to an analysis of the categories of perception and attention. In view of this, our problem, is based on the following question: are there significant implications, considering the perception and attention in the context of acceleration and continuous sensorial flows, in the subject's relationship with images, for contemporary education? Thus, the need to rethink education under epistemological bases is based on the imagery perspective, extending this notion to the necessary analysis of visibility and subjectivity.

Keywords: Education; image; visibility; acceleration; subjectivity

Introdução

A imagem é como que um modo de exteriorização do pensamento que permite sua visualização, mas solicita tanto a percepção quanto a cognição, culminando no modo de pensamento que, sendo visual, e também sensível, instaura-se no mundo. Mas a visibilidade, com a expansão vertiginosa da mídia, assume proporções antes impensadas e suscita uma atenção especial no que se refere aos modos de olhar uma imagem, bem como às implicações desse olhar na constituição da subjetividade e no processo educativo. Tal visibilidade, e a considerando especificamente em seu caráter epistemológico, supõe uma ênfase nas categorias da percepção e da atenção, posto que estas sofreram mudanças significativas no contexto contemporâneo.

É a imagem que nos coloca em contato com o mundo e com o mundo dos outros, o que de uma certa forma, nos possibilita compartilhar suas propriedades tanto de transparência quanto de visibilidade. Verifica-se então que na relação do espectador com a imagem, há um duplo movimento: por um lado, a ideia de que a imagem é única, e em sua singularidade tem o poder de modificar o real e, justamente por isso, se difere deste na conotação das imagens homogeneizantes e alienantes advindas da mídia. Por outro lado, leva a uma supervalorização da imagem, atribuindo-lhe um valor absoluto ao qual ela efetivamente não corresponde.

Desse modo, diante das considerações iniciais aqui explicitadas, o nosso problema, pauta-se no seguinte questionamento: há implicações significativas, considerando-se a percepção e a atenção no contexto de aceleração e fluxos sensoriais contínuos, na relação do sujeito com as imagens, para a educação contemporânea?

Imagem: uma primeira abordagem

No verbete “imagem”, presente no *Dicionário da imagem*, encontramos as características da imagem enquanto representação de um código imbuído de significações que, figurativas ou simbólicas, apontam para uma aprendizagem cultural que se dá através da percepção do real e das convenções sociais por estas estabelecidas. Tais características ampliam sua presença no mundo, posto que esta é, ao mesmo tempo, traço, suporte, material e fonte. Assim,

A imagem é traço: traço deixado pela mão do homem em paredes, telas, objectos, traço deixado pelas pessoas ou pelas coisas representadas (traço corpuscular no caso da impressão fotográfica) e traço do imaginário dos indivíduos e de sociedades. Nesse sentido, manifesta presenças e constitui uma parte da memória da humanidade. (...) A imagem é signo, símbolo e linguagem para alguns. É um meio poderoso de expressão e de comunicação ao alcance de todos e também

um instrumento eficaz de poder. (...) A imagem é ícone, representação dos homens, da natureza e do invisível. Estimula alternadamente ou em simultâneo as sensações, a imaginação e a razão. (Goliot-Leté et al., 2011: 210-211)

Nesse sentido, ao expor o campo conceitual da imagem e ao enfatizar as transformações ocorridas tanto em sua produção quanto em sua recepção, verificamos que esta necessita ser redefinida, centrada numa concepção de mundo que a envolve e na qual o figural não é mais o figurativo, ou seja, não é mais apenas suporte, mas está imbuído de uma conotação mental. A imagem mental, que poderá ser projetada também para um suporte, é, sobretudo, uma projeção do espírito, representativa das relações que estabelece com modelos autônomos, não sendo, portanto, como supôs Platão, meramente uma cópia.

A imagem nos interroga sobre vários aspectos do real que nos circunda, do imaginário nela explicitado e da ideologia muitas vezes inerente a seu uso, retratando a experiência do visual e do visível. Com a impossibilidade da obtenção de uma única imagem representativa de um acontecimento, que seja a síntese de determinadas atividades ou da profundidade de um sentimento, e, considerando as relações que se instituem entre as mais diferentes imagens, há um modo particular de visualização que questiona o requisito mínimo da representação da experiência visual e da representação do visível. Assim, a cada criação de uma imagem inédita ou a cada recriação da imagem persistente na memória, a imagem se potencializa na dialética da atividade que não é somente sensorial para capturar as possibilidades do presente, mas é também racional para interagir com o passado, com a história. Didi-Huberman nos diz, em *Imagens apesar de tudo*:

A questão das imagens está no âmago desta grande agitação do tempo, deste nosso “mal-estar na cultura”. Seria preciso saber ver nas imagens aquilo de que elas são as sobreviventes. Para que a história, liberta do puro passado

(desse absoluto, dessa abstracção), nos ajude a *abrir* o presente do tempo. (Didi-Huberman, 2012: 229)

Essa referência temporal é ainda invocada por ele em outra obra, *A imagem sobrevivente*, na qual ele retoma essa questão do tempo histórico: “A graça da imagem provoca, além do presente que ela nos oferece, uma dupla tensão: com respeito ao futuro, pelos desejos que convoca, e com respeito ao passado, pelas sobrevivências que evoca.” (Didi-Huberman, 2013: 277). Ou seja, a imagem representa tanto o que permanece quanto o que é transitório e efêmero, em suas manifestações internas e externas, em sua existência material e mental, e nos permite transitar por suas múltiplas possibilidades, por isso ela nos interpela.

Contemporaneamente, os modos de interação com as imagens nos instigam a pensar que, em consequência destes, há uma modificação também nos modos de percepção e atenção do sujeito com relação a estas. Essa nova forma de perceber e de sentir, indubitavelmente têm sua origem na modernidade. Retomar essa análise dos novos modos de constituição do sujeito, é condição *sine qua non* para a compreensão do objeto dessa análise aqui proposta.

Modernidade e pós-modernidade como referenciais para se pensar a percepção e a atenção

Giorgio Agamben concebe a contemporaneidade como a possibilidade singular de se relacionar com o tempo, distanciando-se dele, deslocando-se nele, não para se isolar do presente para se instalar de modo nostálgico no passado, mas para apreender os elementos peculiares desse tempo. Assim, contemporâneo “é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para aqueles quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros.” (Agamben, 2009: 62). E acrescenta:

Contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história. (Agamben, 2009: 72)

Essa complexa relação com o tempo que Agamben assinala, nos reporta aos primórdios da modernidade², e me utilizarei aqui do pensamento do historiador Jacques Attali, quando este trata da história da modernidade, situando-a em três momentos: a modernidade do Ser, a modernidade da Fé e a modernidade da Razão.

De modo geral, Attali situa a modernidade como sendo identificada a partir do processo de ocidentalização do mundo, processo esse que minimizou a importância das especificidades culturais, mercantilizando as relações sociais e transformando progressivamente o homem em artefato. Essa retomada feita pelo teórico é importante pois, ao buscar nas diversas civilizações ao longo da história, o modo como determinada sociedade pensa o futuro, o tempo, o espaço, a estética, a culinária, a política, o trabalho, o amor e a felicidade, ele analisa os elementos que compõem a identidade desses grupos num determinado período e isso nos interessa diretamente para a discussão que pretendemos desenvolver aqui.

Segundo Attali, as sociedades pré-históricas pautavam-se na repetição e na rotina como forma segura de garantir o futuro. A modernidade

² De acordo com Attali (2013), a palavra “modernidade” é citada em 1822 por Balzac, quando este ainda usava o pseudônimo de Horace de Saint-Aubin, em *O centenário*, com a frase “ em meio a pensamentos sublimes de três séculos, contemplando o museu, este magnífico monumento erguido pelos pintores de todas as idades da modernidade”, a modernidade designa aqui um lugar dado a um momento particular. Em 1823, Stendhal escreve numa crítica ao classicismo na qual enfatiza que “o romantismo é uma atitude artística moderna”. Baudelaire contribui com a ideia de progresso aplicado às belas-artes em 1859. Para ele a modernidade é uma vontade de amar o seu século e de o celebrar. O movimento modernista, considerado “de transição” do início do século XX, tem sua representatividade, na literatura, em Virginia Woolf, Ezra Pound, T.S. Elliot, na música em Igor Stravinsky e mais tarde Arnold Schönberg, na arquitetura, na geometria da Bauhaus, na pintura, na abstração, no cubismo, no surrealismo, e se expande para outros campos da ciência, da física quântica e da teoria da relatividade, da psicanálise, enfim, com a tentativa de uma tradução racional dos acontecimentos aparentemente irracionais.

era, então, o retorno do mesmo, o estado de “ser moderno” era estável e a cosmogonia, assim como a arte, fazia apologia a essa utopia. O novo só se tornaria um valor positivo com os primeiros progressos técnicos e estabeleceria a força do coletivo pela união dos grupos. O indivíduo reconheceu, assim, a importância de si mesmo como membro desse coletivo. Esta é, para Attali, a modernidade do Ser.

Para os judeus, povos do deserto, o novo era sempre esperado pois era a possibilidade de “reparação do mundo”, missão à qual o homem estava fadado na terra e condição para a preparação da vinda do Messias. A felicidade trazida pela possibilidade de futuro é a ascensão à imortalidade. Para os gregos, povos do mar, o novo é o bem em si pois oferece a cada ser, a cada cidadão as novas fontes de beleza, de prazer e de conforto. Para os romanos, sociedade militar centralizada, e, de certa forma, herdeira dos judeus e dos gregos, a arma é um meio potente de se impor e o projeto de civilização começa, então, a ser esboçado. No entanto, pensar no futuro é acreditar na redenção e na ressurreição, pautados nos preceitos cristãos nascentes. Esta é a modernidade da Fé, que prevalecerá por, pelo menos doze séculos.

Aos poucos se forma, em parte da Europa, especificamente na Itália, uma nova ideia de modernidade, que não é cristã nem grega, nem é a do Ser nem é a da Fé: é a modernidade da Razão, que remete e se interessa intensamente pelas mudanças técnicas e científicas que se expandem para o comércio, o pensamento, o voto e a posse. A modernidade é, assim, em seu conjunto, uma conquista da liberdade individual, dos direitos humanos, do progresso técnico e industrial, da ciência, da democracia. O Iluminismo, enquanto movimento engendrador da modernidade, exprime o ideal universalista, humanista, filantrópico, da razão e do saber como portadores de liberdade.

Se tomarmos o pensamento de Friedrich Schiller presente em suas *Cartas sobre a educação estética do homem* escritas no final do século XVIII, teremos já, em seus escritos, os argumentos contestatórios da ilusão e do fragmento, da cisão operada pelo estreitamento das fronteiras da arte e pela

ampliação das fronteiras da ciência, com o indicativo fundamental de uma necessária crítica da modernidade, e que seriam, guardadas as devidas distâncias no tempo, proporcionais à crítica que se tece hoje à pós-modernidade conforme observamos nas seguintes citações:

Foi a própria cultura que abriu essa ferida na humanidade moderna. Tão logo a experiência ampliada e o pensamento mais preciso tornaram necessária uma separação mais nítida das ciências. (...) Esse dilaceramento que arte e erudição introduziram no homem interno foi aperfeiçoado e generalizado pelo novo espírito de governo (...). Eternamente acorrentado a um pequeno fragmento do todo, o homem só pode formar-se enquanto fragmento; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que ele aciona, não desenvolve a harmonia do seu ser e, em lugar de imprimir a humanidade em sua natureza, torna-se mera reprodução de sua ocupação, de sua ciência. (Schiller, 1995: 40)

De onde vêm, pois, esse domínio ainda tão geral dos preconceitos e esse obscurecimento das mentes, a despeito de toda a luz que filosofia e experiência acenderam? Nossa época é ilustrada, isto é, descobriram-se e tornaram-se públicos conhecimentos que seriam suficientes, pelo menos, para a correção de nossos princípios práticos. (...) onde reside, pois a causa de ainda sermos bárbaros? (Schiller, 1995: 50)

No final do século XIX, essa racionalidade já é bem mais contestada e busca-se pautá-la em novas perspectivas. A modernidade é, então, aquela que intenta fazer nascer o homem novo a partir da luta de classes. Mas já no começo do século XX, essa nova paisagem da vida moderna já indicava seu saturamento. Assim, de certo modo, a modernidade fracassou quando não alcançou o tão propagado progresso advindo da razão nos campos da economia, da política, da cultura, da sociedade, da ética e da estética. Sua dinâmica não resultou na emancipação, propósito primeiro da modernidade das Luzes. O desenvolvimento da técnica, as criações artísticas e o avanço

cognitivo não encontraram as condições ideais de fundação do humano como ser universal.

De qualquer modo, não há uma cronologia linear que determine o início e o fim da modernidade e o início (e o fim?) da pós-modernidade – apesar de alguns teóricos se arriscarem a fazê-lo –, há sim uma unanimidade em avaliar os princípios e os critérios que determinam a identidade desses movimentos através de sua caracterização. Nesse sentido, contemporaneamente, não há uma modernidade única, mas “modernidades” distintas que dariam conta dos múltiplos aspectos constituintes desse novo contexto.

Assim, a pós-modernidade³ caracteriza-se pela tentativa de reelaborar os aspectos fundamentais das vanguardas europeias do começo do século XX, renunciando à herança iluminista de caráter universalista, priorizando a liberdade individual de escolha. Tais características formam as bases da mutação cultural que deu origem ao movimento. Uma possível crítica à concepção pós-moderna, para além do fragmento, do imediato, do efêmero e da fluidez, reside no fato de que nesta, a racionalidade não é mais aqui a única, mas apenas uma das muitas referências do sujeito.

Assim, a pós-modernidade e suas implicações do processo de aceleração do tempo tocam no cerne da questão relativa à importância da atenção e da percepção na contemporaneidade, visto que a instabilidade e a incerteza, aspectos significativos desse contexto, são oriundos da aceleração dos fluxos sensoriais contínuos.

Visibilidade, aceleração e subjetividade

³ A palavra “pós-moderno”, segundo Attali (2013), foi usada pelo pintor John Chapman em 1870 para descrever o movimento pós-impressionista como um “pós-moderno estilo de pintura”, e reaparece em 1914 para designar o olhar torto sobre a modernidade ocidental pelo escritor americano J. M. Thompson, no *Hilbert Journal*. Em 1917 o filósofo alemão Rudolf Panwitz em seu livro *A crise da cultura europeia*, usa a palavra para expressar a desilusão generalizada com as ideias da modernidade. Também se apresenta nas ideias utópicas de Thomas More, nos textos de Jules Verne, na ficção científica de Aldous Huxley com *O melhor dos mundos*, e no cinema com o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, lançado em 1927.

Há várias categorias necessárias para se avaliar o tempo, dentre elas, a aceleração. Esta experiência fundamental da modernidade é talvez a que mais caracteriza a sociedade moderna, que, em decorrência da técnica, institui a velocidade como elemento agregador da ideia de progresso. Essa nova dinâmica social incide também no campo das ideias.

Trabalhar tal categoria impõe, para Hartmut Rosa, a necessidade de distinguir as três dimensões da aceleração social, que podem ser estabelecidas separadamente, no entanto, estão interligadas de modo complexo e paradoxal. São elas: a aceleração técnica, a aceleração da mudança social e a aceleração do ritmo de vida.

A aceleração técnica, sem dúvida, tem sua origem nos estudos da física newtoniana. No entanto suas implicações no modo de vida dos indivíduos na modernidade, apontam para a necessidade de compreensão das grandes modificações ocorridas no modo de relação dos indivíduos com o tempo na contemporaneidade, imputando a primazia intencional da aceleração técnica como modo de viabilizar as performances maquinicas. Desse modo, o aumento da velocidade, a compressão do espaço e a nanotecnologia incidem diretamente “na aceleração dos processos de organização, de decisão, de administração e de controle” (Rosa, 2011: 98) imputados ao indivíduo.

A aceleração da mudança social, sem dúvida, é também influenciada pela técnica, mas outros elementos contribuem diretamente para que esta aconteça numa velocidade impressionante, dentre eles Rosa elenca a organização do trabalho e a transformação significativa das formas de laços sociais, que mantém uma experiência sempre pautada no presente. Essa presentificação explica, de certa maneira, as mudanças ocorridas no âmbito das relações profissionais e domésticas, mas também no campo da política, da economia, da cultura, da ciência e da arte. Tais mudanças se caracterizam tanto pelo “encurtamento progressivo dos lapsos de tempo” quanto pela “instabilidade crescente dos horizontes temporais e dos fundamentos das coisas” (Rosa, 2011: 102).

A terceira categoria, o ritmo de vida, pode ser concebida, segundo Rosa, tanto objetivamente – quando representa o encurtamento ou densificação dos episódios de ação, reduzindo as pausas de tempo entre as diferentes atividades, a execução simultânea das várias atividades e a aceleração imediata das ações –, quanto subjetivamente quando traz “o recrudescimento do sentimento de urgência” (Rosa, 2011: 103), e, em consequência, a ansiedade advinda da incapacidade de acompanhar, em tempo real, essa urgência trazida pela pressão temporal. Por conta disso, pensar a aceleração do ritmo de vida para além da visão quantitativa, significa analisar as implicações do aumento significativo do “número de episódios de ação ou de experiência vividos por unidade de tempo” (Rosa, 2011: 102) nos modos de vida dos indivíduos e sua correlação direta com o processo intensificado de adoecimento contemporâneo.

Ampliando essa abordagem feita por Hartmut Rosa, verifica-se assim, a necessidade de se repensar a educação sob bases epistemológicas pautadas na perspectiva imagética e suas implicações no processo de visibilidade e constituição da subjetividade. É nesse sentido que a necessária a reflexão sobre esses períodos é essencial para a compreensão dos efeitos cognoscíveis dos modos de percepção e atenção que envolvem a subjetividade contemporânea nesse novo contexto.

Percepção e atenção: permanência ou interrupção?

Jonathan Crary, em sua obra *Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna*, aponta para uma transformação profunda dos modos de percepção e de atenção, que, a partir de meados do século XIX, pautam-se sobretudo nas experiências de fragmentação e dispersão. Tais experiências ocasionam, por conseguinte, modificações no caráter ontológico e no caráter epistemológico da formação humana. Assim, a percepção e a atenção passam a “explorar a intersecção paradoxal entre o imperativo de manter uma atuação concentrada na organização disciplinar do trabalho, da

educação, do consumo de massa e o ideal de uma atenção continuada como elemento constitutivo de uma subjetividade leve e criativa. ” (Crary, 2013: 26).

Apesar de reconhecer que as práticas artísticas não foram determinantes por si só, para a efetiva mudança nos modos de percepção e atenção, Crary entende que estas foram bastante significativas nos modos de compreensão das rupturas, ausências e fissuras do campo perceptivo, ocorridas a partir do final do século XIX. Nesse sentido, aponta duas condições necessárias para que a atenção se tornasse um elemento crucial na compreensão dessas novas subjetividades surgidas a partir daí. A primeira teria sido “o colapso dos modelos clássicos de visão” que sugeriam a estabilidade e a precisão dos elementos que compunham os mundos do sujeito; a segunda, “a impossibilidade de se continuar a defender soluções *a priori* para problemas epistemológicos”, ou seja, a adesão à concepção kantiana de sujeito que interage com modelos de objetos fixos e constantes, já não responde de modo significativo e efetivo às transformações que se espera em um processo cognitivo.

O aspecto tecnológico interfere, não mais como coadjuvante, mas agora como protagonista, nas formas inovadoras de se efetivar a percepção e a atenção no campo da música, da dança, do cinema e da fotografia. Essas modificações ocorridas no final do século XX concorrem, segundo Crary, para uma “desintegração da subjetividade” que não se pauta apenas no comprometimento da capacidade de ver, inerente ao sujeito, mas justamente no fato de que, a partir da ênfase na subjetividade, mantém esse sujeito isolado em si mesmo, ainda que na condição de “portador de visão”.

Desse modo, Crary explicita que o propósito de sua análise é “demonstrar como na modernidade a visão é apenas uma das camadas de um corpo que pode ser capturado, modelado ou controlado por uma série de técnicas externas”. Mas é também, ao mesmo tempo, “apenas umas das partes de um corpo capaz de esquivar-se da captura institucional e de inventar novas formas, afetos e intensidades. ” (Crary, 2013: 27). O exacerbamento do visual,

contribui assim para o esfacelamento de temporalidades e dos processos cognitivos, isolando esse sujeito, ao invés de integrá-lo.

O tempo da formação: incongruências com a aceleração contemporânea?

Pensar o tempo da formação no contexto atual nos distancia cada vez mais do ideal pautado na riqueza do tempo lento, da elaboração do pensamento advindo da percepção e da atenção, à medida em que a aceleração ganha força através do argumento de que o progresso só pode ser atingido e aperfeiçoado a partir dessa categoria de análise.

Nesse sentido, Claudine Haroche, em *A invisibilidade proibida* afirma que a aceleração “nos mergulha atualmente numa continuidade que, longe de nos permitir nos estruturar, nos proteger, nos excede, nos transborda e provoca formas instáveis de fragmentação, de divisão psíquicas inéditas.” (Haroche, 2013: 104). Já em *A condição sensível*, ela questiona os efeitos que a intensificação dos fluxos sensoriais contínuos podem ter sobre os sentidos na medida em que tais fluxos comprometem cada vez mais a possibilidade de percepção, reflexão, cognição e atenção, e também na medida em que, afetando a capacidade de perceber a si mesmo e ao outro, interferem na capacidade de se vivenciar os próprios sentimentos. Desse modo, diz Haroche:

O sentimento do eu supõe certa forma de continuidade, de duração, ou seja, requer um limite entre a interioridade e a exterioridade. Esse limite se encontra ameaçado pelas formas tecnológicas contemporâneas, algo que tem consequências – algumas conhecidas, outras inéditas – sobre o funcionamento da subjetividade e do eu (Haroche, 2008: 201).

Ao considerarmos as condições contemporâneas da educação, em que se pese os aspectos já citados por Haroche, do empobrecimento da capacidade de pensar, de refletir, traduzido na compartimentação dos saberes, na especialização cada vez mais fragmentada, as consequências desse quadro apontam para o agravamento da capacidade de questionamento, redundando

em afirmações quase sempre repetitivas e prudentes sobre os saberes, posto que estas, instituídas com tal “cuidado”, asseguram um “ganho de tempo”, mas afetam a autonomia. Segundo Haroche:

Reforçado pela falta de tempo, pelo desengajamento, pela aceleração dos fluxos sensoriais e de informação, e pela fluidez das sociedades contemporâneas, o exercício da consciência se vê reduzido, por exigências de produtividade intensa, tornando ainda mais intensa a descontinuidade, a fragmentação e, em consequência, a superficialidade e a falta de discernimento. (Haroche, 2008: 198)

Essa passividade travestida de ativismo inovador encobre, paradoxalmente, o conformismo e a inércia imputados pela aceleração. Haroche afirma que a tensão dialética provocada pelos fluxos sensoriais contínuos no nível da percepção redundam nos fluxos sensoriais descontínuos no nível psíquico. Sendo que nestes primeiros há uma necessidade de manutenção, de perenidade e nos últimos, uma prevalência do efêmero e do inconstante. Nesse sentido, Haroche é enfática ao afirmar: “O conhecimento só é possível quando apreendido como um estado, uma representação da realidade, um encadeamento: a mudança contínua, a fluidez, previne, entrava e mesmo interdita o exercício do conhecimento. ” (Haroche, 2008: 223). Assim, considerando os modos de perceber e sentir, o pensamento privado de duração, que lhe permite o aprofundamento, se torna limitado.

Considerações finais

Estas novas configurações aqui apresentadas, não podem deixar de afetar a maneira como os campos do saber podem ser pensados contemporaneamente. Hoje temos a clareza de que já distanciados no tempo da modernidade, não há a possibilidade de um retorno às Luzes, mas podemos avançar para um processo similar, entretanto reelaborado e repensado a partir das críticas possíveis. O mesmo se dá com a pós-modernidade quando

pensamos naquilo que com ela concordamos, de que a razão não é a única dimensão do nosso ser.

De certo modo, a crítica pelo ideal do critério universal deixou marcas, não tanto porque em si o universal seja segregador, mas porque ele é mais difícil de apreender, mais lento em sua elaboração. É preciso admitir que não podemos pensar esses campos do saber aqui tratados sem fazer referência ao universal, mas também convém ficarmos atentos à tentação de tudo relativizar. Anne-Marie Drouin-Hans, no texto intitulado “Pensar a pós-modernidade: o que nos resta das Luzes? ”, diz:

As Luzes não estão extintas, mas não cintilam mais com tanta clareza. Não iluminam mais como um sol triunfante, mas tornam-se um marco, um guia, como os clarões que traçam um caminho na obscuridade. Elas oferecem-se como um horizonte de perfeição que não deverá jamais crer-se ter sido atingido, para não cair na obscuridade de uma luz falsa. (...) A pós-modernidade ensina-nos que o procedimento racional e o questionamento ético se reencontram inevitavelmente – mas não coincidem – e que é precisamente porque não coincidem que têm necessidade um do outro na sua complementaridade. (Drouin-Hans, 2005: 34)

Assim, no campo de estudo da imagem, a experiência de mundo que adquirimos ao longo dos anos é multissensorial, mas não há como negar que há um predomínio da visão, sobretudo quando nos referimos aos saberes advindos da escrita científica, da literatura, da arquitetura, da dança e das artes visuais. A imagem, mecânica ou mental, é uma forma de presença que, ao longo da história, com suas inúmeras referências e vinculações, promove uma abertura do olhar em busca da “transparência opaca” do mundo, pois estimula, a imaginação, as sensações e a razão. Nesse sentido, se a entendemos como uma forma de linguagem, ou se a consideramos como um código cultural significativo, de qualquer modo, ela exprime algo já produzido e reproduz algo ainda não criado. A imagem, portanto, desperta e convoca um pensamento e

sua potência reside justamente em sua existência enquanto possibilidade de abertura para a criação, a imaginação e a ação.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. (2009) O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Argos. Chapecó.

ATTALI, J. (2013) Histoire de la modernité. Robert Laffond. Paris.

CRARY, J. (2013) Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna. CosacNaify. São Paulo.

DIDI-HUBERMAN, G. (2012) Imagens apesar de tudo. KKYM. Lisboa.

DIDI-HUBERMAN, G. (2013) A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Contraponto. Rio de Janeiro.

DROUIN-HANS, Anne-Marie. "Pensar a pós-modernidade: o que nos resta das Luzes?". In: CARVALHO, Adalberto Dias de. (org.) Sentidos contemporâneos da educação. Porto, Portugal: Afrontamento, 2005.

GOLIOT-LETÉ, A. et al. (2011) Dicionário da imagem. Edições 70. Lisboa.

HAROCHE, C. (2008) A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Contra Capa. Rio de Janeiro.

HAROCHE, C. "A invisibilidade proibida". En: AUBERT, N. HAROCHE, C. (orgs.). (2013) Tirantias da visibilidade. Editora FAP/Unifesp. São Paulo.

ROSA, H. (2011) Accélération: une critique sociale du temps. La Découverte. Paris.

SCHILLER, F. (1995) A educação estética do homem. Iluminuras. São Paulo.